

A materialidade digital e a constituição do sujeito-leitor em memes sobre leitura

id **Katyelle Alves Ferreira**

Graduada em Letras

Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade de Iporá

E-mail: katyellealvesferreira2@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2130-9993>

id **Fernanda Surubi Fernandes**

Doutora em Linguística

Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade de Iporá

E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5537-999X>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 8

Número 1

Resumo

A leitura e os sujeitos-leitores é o cerne deste estudo. A partir de análise de memes, com a temática sobre leitura e leitores, e que circulam no espaço digital, observamos como os sentidos ocorrem a partir de um processo de significação atravessado pela ideologia e as diferentes materialidades que constituem o meme. É pela/na língua que o sujeito-leitor se significa, e é no espaço digital, que as formas de significar são colocadas em outras formas de funcionamento, num batimento entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia. Assim, este estudo compreende como os sujeitos e sentidos são significados a partir das materialidades que constituem o dizer numa relação com a memória que lhe é constitutiva.

Palavras-chave: Discurso; Leitura; Memória.

1 Considerações preliminares

A leitura é um assunto amplamente discutido entre os estudiosos, tais como Maria Helena Martins (2006), Paulo Freire (2011), Eni Puccinelli Orlandi (2008, 2009). Diante dessa diversidade de pesquisadores, apresentamos a problemática da leitura que será abordada pelo viés discursivo, a partir da disciplina Análise de Discurso de linha francesa, com base, principalmente, em Orlandi (2008, 2009).

Mediante a diversidade e as possibilidades das noções de leitura, procuramos delimitar o tema para que pudéssemos mostrar como a leitura se constitui, e como o sujeito leitor se apresenta nela. Portanto, para possibilitar a discussão acerca do assunto, visamos analisar como a leitura e o sujeito-leitor se constituem na mídia digital.

É desse modo que este estudo tem como objetivo compreender como o sujeito-leitor produz/formula/significa na leitura de diferentes textos veiculados na mídia, mais especificamente, em memes que abordam a temática leitura.

Para a Análise de Discurso estaria aí caracterizada a relação de sentidos. Um discurso envia a outro. Levando isso em consideração, tomamos o texto como “[...] processos de significação, lugar de sentidos”. (ORLANDI, 2009, p. 196). Mas que necessita de uma totalidade com começo, meio e fim. Conforme a autora, ao realizar a leitura, o leitor se insere numa rede de formulações ditas anteriormente em outro lugar para pode significar, silenciando essa constituição, e colocando em evidência o momento da formulação; quando ele significa, compreende, interpreta um texto, está significando dentro de uma rede de filiações de já-ditos produzindo outros sentidos.

Assim, a partir da Análise de Discurso, analisaremos memes sobre leitura, observando como as relações de sentido são estabelecidas, e, desse modo, como o sujeito-leitor se constitui nesse processo, e que sentidos são produzidos sobre o sujeito-leitor.

2 Análise de Discurso: leitura e sujeito-leitor

Para a Análise de Discurso, a noção de leitura faz parte da própria disciplina, pois a leitura é compreendida, também, como um aparato teórico. Por isso, a dificuldade de falar da leitura, e ainda refletir sobre seus processos de constituição, na relação com o outro, com o modo de dizer, o contexto histórico e social etc. para pensar como o sujeito-leitor (se) significa nesse processo.

É por essa perspectiva, que observamos o quanto a noção de leitura é ampla, pois abrange várias formas de definições. Orlandi (2008) contextualiza essa polissemia de leitura, refletindo sobre várias possibilidades, mas dando ênfase ao seu olhar enquanto analista de discurso.

De um todo, conforme reitera Orlandi (2008, p. 7), “Leitura, vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como (‘atribuição de sentidos’), partindo

para outro conceito, um tanto mais restrito, de forma acadêmica pode ser um aparato teórico-metodológico. Por fim, a autora fala da forma mais restrita ainda que é a escolaridade que se relaciona com a leitura e a alfabetização.

Conforme a autora, a leitura não é algo pronto e acabado, ela é formada por quem lê e por quem escreve, assim ambos se interagem e concordam ou discordam em suas opiniões, atravessados ainda pelas condições de produção da leitura. As condições de produção, segundo Orlandi (2007a), envolvem o sujeito e o contexto imediato e sócio-histórico, ou seja, “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 2008, p. 11).

Dessa forma, faz-se necessário tratar sobre as noções de leitor na Análise de Discurso. Orlandi (2008) mobiliza a concepção de leitor virtual, que é aquele que é projetado no decorrer da produção/escrita pelo autor. Ou seja, é o imaginário criado no momento da escrita, esse leitor virtual é para quem o autor destina o texto escrito e aí entra o leitor real que é quem ler o texto e então eles se relacionam. Percebe-se, portanto, que o meio social em que o leitor se encontra, também influencia na sua forma de compressão da leitura, isso serve para quem lê o texto e para quem o escreve, pois tudo faz parte do processo de leitura. “A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentido, em uma palavra: historicidade” (ORLANDI, 2008, p. 9).

Partindo do ponto de vista de Orlandi, a escrita e a leitura se interagem desde o início, pois “já está inscrito o leitor e, na leitura, o leitor interage com o autor do texto” (ORLANDI, 2009, p. 180). Existem dois lados, o de quem escreve, e o de quem lê, ambos se relacionam e tentam se colocarem um no lugar do outro. Olhando o texto como uma unidade complexa, Orlandi (2009) afirma que o texto não é uma unidade pronta, pois sua estrutura deixa espaços, além disso, o sentido do texto não se encontra em quantidade de interlocutores ou na quantidade de frases, mas no espaço existente para a relação entre os mesmos.

O texto, enquanto objeto teórico, como já citado anteriormente, não é algo pronto e acabado, em termos de objeto empírico, pode ser sim algo acabado com começo meio e fim, numa condição de ilusão imaginária, por isso, a Análise de Discurso mostra sua forma inacabada. “O texto é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor” (ORLANDI, 2009, p. 180).

Dessa forma, consideremos importante a relação do leitor com a leitura, pois é no decorrer da leitura que os sentidos são construídos. Assim, quem lê se identifica com alguma coisa e isso vai além de meras informações, mas conta também a interação do leitor virtual com o real, se comunicando entre si, chegando em acordo ou não.

Desse modo de refletir sobre a leitura, partimos então para o sujeito no âmbito escolar. Pfeiffer (2003) em sua pesquisa faz-se uma análise da relação do estudante

enquanto leitor, e as formas que os alunos são conduzidos e incentivados para praticar o ato de ler.

Segundo a autora, essa análise foi feita por meio de aulas gravadas, entrevistas com alunos e professores e também nos próprios livros didáticos. Para Pfeiffer (2003), pode ser colocado três posicionamentos em relação a métodos de ensino e cultivo do ato de ler e conseqüentemente da escrita.

O primeiro deles é a forma convencional, que segue à risca o que o livro didático propõe, já o segundo, o trata como meio intermediário a metodologia a qual não se usa o livro de didático, mas não deixa de seguir, de uma forma menos rigorosa, a mesma linha de raciocínio. Por fim, a metodologia que não se aplica a forma do livro didático, é totalmente deligado das regras direcionadas do livro.

Observamos, portanto, como a leitura na escola está atrelada a uma leitura do livro didático, numa passividade, não permitindo um deslocamento de posições, se coloca quase como uma obrigatoriedade e ainda numa restrição dos sentidos.

Para Indursky (2003, p. 189), é necessário considerar e reafirmar que “[...] um texto pode ser objeto de várias leituras [...]”, e isso também é possível de ser compreendido considerando os estudos da Análise de Discurso. Para a autora, interessa:

[...] discutir a diversidade da leitura, não a partir de uma *subjetividade pessoal*, mas do ponto de vista de um *sujeito histórico*, interpelado ideologicamente e, por conseguinte, inscrito em uma formação discursiva determinada. O sujeito-leitor, ao praticar a leitura, o faz identificando-se com esse sujeito histórico, e assim instituindo-se como *efeito-leitor*.” (INDURSKY, 2003, p. 189, grifos da autora).

Para a autora, a diversidade de formações discursivas, que constituem o jogo social entre os sujeitos e seus contextos, projeta as possibilidades de diferentes leituras.

3 O discurso digital e os memes

Com a evolução das tecnologias no século XX, a internet ganhou e ainda ganha cada vez mais espaço no dia a dia dos indivíduos. Torna-se cada vez mais interessante analisar como a língua é tratada neste meio e como funciona a questão da linguagem no virtual. Para Dias (2011), falar em tecnologia digital é refletir sobre a relação entre o sujeito e a ideologia, que o constitui nesse outro lugar, no espaço digital, pois “[...] é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular” (DIAS, 2018, p. 29).

Dias compreende o digital pela sua materialidade específica, como uma tecnologia que produz efeitos, numa relação com a memória discursiva, ou seja, tudo aquilo que fala antes em outro lugar, o já-dito e estabelecido, pois relaciona o aqui e

agora que constitui o digital e a sua atualização pela memória discursiva, bem como relaciona com a memória metálica, definida por Orlandi (2007b) como uma materialidade formal:

A memória metálica (formal) “lineariza”, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições. O que produz o efeito de onipotência do autor e o deslimite dos seus meios (a memória metálica, a infinidade de informações (ORLANDI, 2007b, p. 16).

Essa linearização produz a multiplicidade que produz como efeito a homogeneidade dos sentidos, sua cristalização, a partir da diversidade e quantidade, que não historiciza, não desloca, não muda, mantendo uma estabilização dos percursos dos sentidos e sujeitos no digital.

A partir dessa noção, e também de Pêcheux, Dias define o discurso digital como:

A memória digital difere da memória metálica, mas não se descola dela, pois se, por um lado, a memória metálica funciona pela quantidade, pela possibilidade de armazenamento e processamento de dados, por outro lado, a memória digital é um resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento do discurso digital [...] (DIAS, 2018, p. 161).

A autora também explicita que há um apagamento sobre a relação do homem com a máquina, como se fosse algo de uma contemporaneidade. Ou como fosse algo evidente. Entretanto, é algo que constitui o sujeito muito antes dele nascer.

Quando o indivíduo nasce, ele já nasce afetado pela relação com a máquina. E isso tem consequências na própria constituição da forma-sujeito, no modo de constituição histórica dos sujeitos, na medida em que os dados genéticos fornecidos antes do nascimento por meio da tecnologia já determinam a forma de existência do indivíduo.” (DIAS, 2018, p. 49).

Nesse aspecto, as posições-sujeitos e os sentidos são produzidos pelo discurso digital considerando a relação com as mídias sociais causam efeitos de identificação e também de evidência pela multiplicidade de informações, dados que circulam no universo virtual, interpelado de diferentes formas sujeitos e sentidos.

Nessa direção, a tecnologia digital traz consigo traços marcantes, como por exemplo, formas de escrita, o uso da língua no ambiente virtual é algo interessante de ser analisado, pois cada sujeito é interpelado pelas redes sociais conforme suas condições de produção. Assim:

O digital ressignificou o sentido em sua materialidade, naquilo que concerne às relações históricas, sociais e ideológicas dos processos de significação. Esses processos passam por instâncias da vida prática e dos modos de produção da existência dos sujeitos: trabalho, cidade, relacionamentos, língua, escrita, leitura, ciência, sociabilidade, movimentos da sociedade etc. (DIAS, 2011, p. 56).

E nessa resignificação, surgiu todo esse processo de debate, criado a partir da questão da leitura nesses meios, pois “[...] confronta o sujeito com o esquecimento, a deriva, o político, ainda que os processos de institucionalização trabalhem para conter o processo de interpretação” (DIAS, 2018, p. 68).

Nesse espaço de leitura, diferentes objetos de análise são possíveis para se compreender como se dão essas relações. No caso de nosso estudo, os memes se apresentam com um objeto com uma grande repercussão na internet. Os memes foram criados antes mesmo da era digital, o idealizador dos mesmos foi o biólogo Richard Dawkins no ano de 1976. O meme tem o intuito de promover discussão nas redes, com vários tipos de pauta. Desse modo, entendemos que meme se constitui de imagens com pequenos textos os quais se comunicam com quem os lê, envolvendo culturas, gostos e outros.

Para Dias (2019), um aspecto que os memes apresentam “[...] diz respeito ao trabalho de leitura em seu processo de textualização pelo digital, a saber a digitalidade.” (DIAS, 2019, p. 60). Entendida aqui como a tessitura do digital. Ou seja, o modo como o digital se constitui nas mídias digitais, principalmente a partir dos memes, que circulam em diferentes espaços digitais, sendo, portanto, resignificados e produzindo uma sedimentação, mas ainda com a abertura do simbólico, como visamos observar nos memes analisados.

4 Análise de memes: memes sobre leitura

Considerando nosso objetivo, para a seleção dos memes, fizemos uma busca na Internet, pelo *Google* com os seguintes termos: memes sobre leitura, memes sobre literatura, memes sobre leitores. Diante da diversidade, observamos uma regularidade nas materialidades, haviam memes que enfatizavam e valorizam a leitura, enquanto outros reclamavam, com base nisso, afunilamos nossa seleção para essas regularidades, e desse memes selecionamos alguns para nossa análise.

Figura 1



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/714946509581055377/>. Data de acesso: 17/01/2022

O primeiro meme trata-se de uma cena, a qual envolve um personagem do filme Toy Story. Buzz Lightyear é um personagem conhecido no filme pelo seu espírito de liderança e bravura, a imagem mostra Buzz com uma expressão fácil de desconfiança, o fato ocorre em um momento do filme em que o personagem no espaço questiona a existência da vida inteligente por lá, este “aqui” que ele retrata é no espaço um lugar diferente que o meme tem o intuito de abranger. Pois para o personagem “aqui” é o espaço, mas na materialidade do meme, “aqui” é o espaço das mídias digitais, ressignificando a relação com a vida inteligente no espaço digital. Essa relação se dá devido ao meio de circulação do meme, as mídias sociais.

Podemos dizer, portanto, que o discurso empregado no meme se relaciona com a fala de um astrofísico inglês, John Gribbin, a qual questiona a existência da civilização em outros lugares que não seja a Terra. Percebe-se então que esse discurso centrado no meme, partiu de um outro sujeito em uma ocasião diferente da que se trata neste momento, produzindo efeitos em relação ao sujeito-leitor.

A relação estabelecida entre a cena do filme, os dizeres sobre filme e livro, e ainda sobre a vida inteligente, apresenta um processo de paráfrase e polissemia.

Quando pensamos em discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 2007a, p. 36).

Ou seja, sentidos repetidos, o mesmo, são retomados para ressignificar, produzindo assim o novo, o diferente, nesse caso, o meme “[...] é um bôldo de sentidos. Ele ‘parte’ em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. Diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos” (ORLANDI, 2007b, p. 14).

Esses novos produtos significativos se apresentam na materialidade do meme, o que permite que tanto sentidos e sujeitos se constituam a partir de diferentes condições de produção. Orlandi fala dessa mudança que acontece no sentido quando se dá a troca de posições em relação ao sujeito.

De forma geral podemos dizer que o sujeito da linguagem não é um sujeito-em-si, mas tal como existe socialmente e, além disso, a apropriação da linguagem é um ato social, isto é não é o indivíduo enquanto tal que se apropria da linguagem uma vez que há uma firma social dessa apropriação (ORLANDI, 2009, p. 188).

Na figura 1, observamos como o sujeito-leitor é colocado na posição extrema de ame ou odeia a leitura/livro. Na formulação: “Quando alguém começa a falar que o filme é melhor que o livro”, observamos como este sujeito se coloca na posição de

interditar e criticar quem faz essa comparação, o termo “começa a falar” remete a um processo de silenciar outro, pois logo no começo já rebate ao falar da falta de inteligência do outro. O que produz efeitos de um leitor que se atem uma forma de leitura, a de livros, numa projeção imaginária de que a leitura seria leitura de livros, não permitindo abranger outros modos como a compreensão de adaptações de diferentes aspectos, que logo é silenciada pela posição de um sujeito-leitor que se identifica com esse tipo de leitura, fazendo com que outros leitores também se coloquem nessa situação.

Cada sujeito traz consigo formas de ver e de fazer uma leitura de mundo diferente e é isso que faz com que cada leitura seja observada de forma distinta. E isso pode ser observado em relação ao riso que o meme também se propõe, pois estabelece relações de sentido com sujeitos-leitores que se identificam com essa visão sobre a leitura de livros e as versões de filmes. De acordo com Bergson (1983) para produzir o efeito cômico é necessário estar em condições específicas para que o riso aconteça, desde a relação com o humano, uma certa insensibilidade, como entender que “O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 1983, p. 9). Ou seja, para o autor:

Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. Ouçamo-lo bem: não se trata de um som articulado, nítido, acabado, mas alguma coisa que se prolongasse repercutindo aqui e ali, algo começando por um estalo para continuar ribombando, como o trovão nas montanhas. E, no entanto, essa repercussão não deve seguir ao infinito. Pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira, mas ainda assim, sempre fechado. O nosso riso é sempre o riso de um grupo (BERGSON, 1983, p. 8).

A partir do que Bergson apresenta, compreendemos o quanto o efeito do riso vai depender do grupo a que se refere e suas condições para compreender aquilo que o meme se propões. Relacionado com a Análise de Discurso, compreendemos que o efeito é produzido na relação com o outro, interpelado pela história, ideologia e o social. Assim, o efeito cômico se dá a partir de condições de produção específicas que leva em conta os sujeitos envolvidos, mas também o histórico e social. Essa forma-sujeito:

[...] que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento. (ORLANDI, 2007a, p. 50).

Nesse processo, de assujeitamento, que o cômico se estabelece, numa relação com o social, conforme Bergson (1983). Ou seja, o sentido se dá a partir de uma relação com o outro, que permite a restrição dos sentidos para aquelas condições de produção específicas, para aquele sujeito e momento. Entretanto, ao contrário do autor que coloca o cômico como “um círculo amplo, mas ainda assim, sempre

fechado”, compreendemos que esse assujeitamento restringe os sentidos, mas ainda assim deixa aberturas para que outros sentidos surjam.

No caso do meme, pode-se provocar a comicidade na relação com leitores que se identificam e entendem como brincadeira, mas em outros, pode provocar raiva, pela comparação, ou por serem a favor dos livros ou, ainda, a favor dos filmes. Nessa diversidade, também concordando com Bergson (1983), o efeito não se dá de qualquer forma, mas vai depender do modo como os sujeitos-leitores são constituídos, desde sua constituição histórica e social, quanto sua própria história das leituras, ou seja, “[...] todo leitor tem sua história de leitura. O conjunto de leituras feitas configuram, em parte, a compreensibilidade de cada leitor específico” (ORLANDI, 2008, p. 43).

Percebemos em um único meme como imagem e escrita se imbricam, constituem sentidos e pode levar o leitor a diversos lugares, ou seja, temos o funcionamento da materialidade imagética, conforme nos apresenta Gregolin (2011), que demonstra a quantidade de significados que uma imagem pode ter tendo texto ou não, dependendo somente do sujeito que irá fazer a sua leitura.

É interessante, portanto, pensarmos que o agenciamento da materialidade discursiva instaura uma ordem do olhar e constrói o acontecimento para o futuro. Sempre haverá possibilidade de que ele seja retomado, transformado e relido. Por isso (e essa apropriação central de Davallon e Pêcheux) a imagem é uma operadora de simbolização. Podemos ampliar essa ideia e pensar que as imagens nunca aparecem isoladas, estão sempre rodeadas de elementos verbais, portanto, devemos pensar que a relação entre materialidades (verbal e não verbal) é operadora de memória (GREGOLIN, 2011, p. 92).

Uma só imagem com um pequeno texto abrangeu um discurso de um ser animado vindo do espaço como também um outro sujeito totalmente diferente do anterior que é o John Gribbin, que também possui a teoria a respeito da vida inteligente, para dizer sobre a leitura e os sujeitos-leitores, que podem ou não se identificar com o que o meme se propõe, produzindo assim efeitos diversos.

Outro meme que selecionamos apresenta uma personagem do filme *Titanic* (1998), um grande clássico embasado em fatos reais.

Figura 2



Fonte: <https://www.facebook.com/memesdelivros2/>. Data de acesso: 17/01/2022

Na Figura 2, o meme se constitui de frases sobre leitura e livros e a imagem de uma senhora, a personagem Rose, que vai relembrar o seu passado ao dizer “Já faz 84 anos”. Nesse batimento entre as formulações e a imagem do filme, os dizeres “Quando fico presa num livro e não consigo seguir em frente à leitura”, marcados pelo asterisco para dar ênfase, remetem a imagem do filme, como também a pergunta: “- Há quanto tempo você está lendo aquele livro mesmo?”

Desse modo, remete a dois contextos diferentes, mas que apresentam à passagem do tempo. Há muito tempo Rose viveu sua história de amor com Jack, entretanto, o meme se refere ao tempo de leitura, as lembranças de Rose são bonitas, pois trata-se de uma história de amor a qual viveu, mas para o meme, refere-se ao tempo em que um leitor fica parado na leitura. Pode ter um efeito negativo, não sendo bonito, pelo contrário, ficar parado pode significar ou que o livro não é bom, ou a escrita não condiz com o esperado, ou ainda que o sujeito-leitor não está naquele momento em condições de realizar a leitura daquele livro específico, e até mesmo a não compreensão do que está posto pelo livro, dificultando a continuidade da leitura. Assim, temos um modo de olhar diferente para a leitura, relacionado a sua dificuldade ou mesmo seu interesse que pode aumentar ou diminuir, produzindo vontade ou não de continuar a leitura.

Orlandi (2009) aborda sobre essas diversas formas de leitores, as diferentes vertentes do leitor optar por uma certa leitura e ela divide em categorias essas formas divergentes de escolha de cada leitor.

Uma primeira forma de abordagem da maneira como o leitor se representa, no processo de leitura, pode ser observada pelo fato de que a leitura é seletiva, isto é há vários modos de leitura, que podem ser caracterizados, de forma geral, da seguinte maneira: a) o que tem relevância para o leitor é a relação do texto com o autor (seria, por exemplo, o modo de leitura que responde à questão: “o que o autor quis dizer?”); b) a relevância é a da relação do texto com outros textos (seria, por exemplo, a leitura comparativa); c) a relevância é a da relação do texto com seu referente (seria, por exemplo, a leitura que responde a questão: “o que o texto diz de x?”); d) a relevância é a da relação do texto com

o leitor (seria a explicitação do papel do leitor, respondendo a questão o que você entendeu?) (ORLANDI, 2009, p. 184).

Percebemos então que é existente diversas categorias de leitura e como o sujeito-leitor se relaciona com o seu livro. No caso do meme, a imagem da senhora de idade faz uma relação humorística no meme, remete o passar do tempo que o sujeito leitor está parado na mesma leitura seja qual o motivo for.

O riso pode ser um efeito a partir dos sentidos compreendidos pelo sujeito-leitor, nesse caso, o sentido remete a muita idade e a expressão “Já faz 84 anos”, ou seja, é muito tempo para se ficar parado em uma leitura. De acordo com Bergson (1983), o cômico só ocorre por haver uma relação com o humano, assim, a idosa, a velhice, o tempo se relacionam com o sujeito que é significado por esses modos de ser estar no mundo, pois “[...] acaso a fantasia cômica não nos informará sobre os processos de trabalho da imaginação humana, e mais particularmente da imaginação social, coletiva, popular?” (BERGSON, 1983, p. 6).

Nesse ato de passagem de tempo, há um olhar sobre a velhice, e dependendo do sujeito-leitor, marcado na imagem da idosa, em seu corpo, sua pele, seu olhar, remetendo à lentidão, ao tempo que passou, e relacionando a leitura como algo negativo, pois há sujeitos que colocam a leitura como algo que deve ser rápido, constante e que tenha fluidez, e assim a demora em ler é algo ruim; por outro lado, pode ser positivo, a imagem da idosa apresenta uma relação na memória com a sabedoria, pela experiência de vida, assim, poderia significar um suposto encantamento do leitor com a obra que está preso sem conseguir passar para uma próxima leitura, pois reflete sobre ela.

Deste modo, este meme pode ser observado de três formas diferentes, a primeira é a imagem que tem seu contexto histórico, que vem de um público de filmes, a segunda pode ser vista como a prisão do leitor na leitura pela sua dificuldade de compreensão do texto e a última como encantamento pela leitura de um determinado livro.

Analisando o meme, o qual tem um objetivo totalmente humorístico, só faria sentido para o público que realmente fosse seletivo a ele, a um grupo, tal como apontado por Bergson (1983), pois compreendemos que todo texto feito é predestinado a alguém ao um determinado público e Orlandi (2009, p. 180) segue nessa direção afirmando: “[...] embora, de fato, o momento da escrita de um texto e o momento de sua leitura sejam distintos, na escrita já está inscrito o leitor e, na leitura, o leitor interage com o autor do texto”.

Nota-se então que este meme, tem um público alvo que certamente se interessaria por ele e que ia compreender. Demais sujeitos leitores podem se relacionarem com a leitura, porém talvez não faria tanto sentido assim.

Como exemplo, dizemos sobre o filme *Titanic* (1998), quem o não o conhecesse poderia associar interpretar sentidos sobre a velhice como passagem do tempo, ficando na evidência. Isso ocorreu em nosso próprio gesto de leitura.

No início, por não conhecer a que filmes, séries, as imagens referenciavam, associamos somente essa questão, uma senhora com marcas visíveis da idade no rosto, uma prisão no tempo, tudo isso foi pensado justamente por não conhecer realmente as condições de sua produção. Isso diz respeito sobre a relação dos sujeitos com a memória metálica, ou seja, com a memória “[...] que não falha e que apresenta como ilimitada em sua extensão, só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias.” (ORLANDI, 2007b, p. 16). Assim, a relação entre os sujeitos, os sentidos e a leitura dos memes, nesse espaço, não produz deslocamentos, não historicizam, correndo o risco de ficar na evidência. Entretanto, ao olhar do analista, o processo de significação é apresentado para compreender como o meme produz sentidos enquanto objeto simbólico.

Os efeitos de sedimentação e deslocamento também atravessam e constituem o terceiro meme analisado. Nele a temática da leitura é retomada, a partir de outros dizeres e outra imagem, que remete a um outro filme.

Figura 3



Fonte: <https://me.me/i/universo-dos-leitores-u-d-leitores-voc%C3%AA-gosta-de-viajar-sim-73ddd0b3fdc544ed89288fc4f4bbcd9d>. Data de acesso: 17/01/2022

A Figura 3 relaciona a leitura a uma cena do filme *Ponte para Terabítia* (2007). Os dois personagens do filme, Jesse e Leslie, que aparecem na imagem, se conhecem e juntos vivem aventuras num mundo imaginário chamado Terabítia, nele enfrentam monstros, vivem fantasias que se relacionam com sua vida cotidiana, ou seja, ao mesmo tempo que é uma fuga da realidade, faz com que reflitam sobre os problemas do dia a dia.

Dessa forma, o meme, ao trazer as formulações: “Você gosta de viajar?/Sim/Qual o seu meio de transporte favorito?/Os livros”, produz sentidos de reafirmação das viagens que a leitura/livros pode trazer para quem lê, o poder que a leitura tem em fazer com que as pessoas entre nelas, sejam interpeladas, e sintam-

se em um mundo totalmente paralelo, vivendo várias aventuras no conforto de sua casa.

Assim, o meme relaciona a temática da leitura com o filme. Esses sentidos são possíveis numa relação com a história das leituras do sujeito-leitor (ORLANDI, 2008), que a partir da memória discursiva, são retomados, mas podem ser diferentes para quem possui o gesto de leitura anterior sobre o filme, e para quem não possui. Como o meme trata de uma circularidade e repetição no discurso digital, pode produzir o efeito da evidência, de homogeneização dos efeitos, retratando apenas sentidos da leitura, mas apagando a relação com o filme, pela circularidade, nem se questiona de que lugar a imagem foi retirada, sua historicização.

Por outro lado, os sujeitos que possuem essa leitura anterior sobre o filme, ou ainda, como analista, buscar saber a que se refere à imagem, outras leituras são possíveis, pois

[...] aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta. Esse estado de coisas abre [...] a uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo 'legível', ou antes, 'dizível', pode variar conforme as leituras; mas o que faz também [...] com que a imagem comporte um programa de leitura; ela assinala um certo lugar ao espectador [...]) (DAVALLON, 2007, p. 29).

Nesse caso, o gesto de interpretação “[...] se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível.” (ORLANDI, 2007b, p. 18).

O meme também contextualiza o meio escolar, e a relação com a leitura com as formulações que apresentam a relação entre viajar e ler. É interessante analisar que nessa mesma imagem podemos estabelecer duas maneiras de como o sujeito-leitor poderia ver esse meme: poderia ser visto da forma que o leitor faria uma viagem em mundo de fantasia ou fazendo uma leitura de conhecer lugares que talvez na vida real não seria possível conhecer. “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. (ORLANDI, 2008, p. 58).

Tratemos então da forma de viajar na nessa fantasia criada pelo leitor, assim como o personagem representado no meme, sabemos que os livros são bastantes usados como forma de fugir da realidade nem que seja por um determinado tempo e o meme em se faz essa relação usado essa imagem o qual o garoto sofria no ambiente escolar e usava os livros para se sentir um pouco mais aliviado.

Já na outra vertente o sujeito leitor pode usar os livros para viajar pelo mundo, conhecer lugares que talvez na vida real nunca terá oportunidade de conhecer pessoalmente, aqui entra a questão social, que nem todos os indivíduos conseguem ir onde sonha, fazer algo que tanto deseja, então começa a usar o livro para se sentir realizado.

Observamos nos três memes sobre leitura uma regularidade que diz sobre o modo como a leitura é significada nos memes, numa relação com a ideologia e a língua. Efeitos de evidência são postos num processo de cristalização dos sentidos, mas ainda assim produz abertura para outros sentidos possíveis, isto é, há uma abertura para o simbólico, em sua materialidade imagética e digital.

5 Considerações finais

Ao término deste trabalho, pudemos compreender que os sentidos se constituem na materialidade do meme, e que somos tomados pelo efeito de evidência que o mesmo apresenta, pois num primeiro gesto de interpretação, os sentidos eram sobre a leitura e as imagens colocadas faziam essa mesma relação, mas por não conhecermos os filmes e séries que as imagens projetavam, somente os sentidos de leitura ficaram na evidência.

Depois ao buscarmos de que lugar as imagens foram retiradas, outros sentidos foram possíveis. O que nos faz refletir sobre como o meme permite a possibilidade de outros sentidos dependendo de quem o lê, e como o mesmo trabalha numa regularidade da repetição e da evidência para poder atingir pessoas que não conhecem a referência, mas se relacionam com a temática sobre a leitura.

Consideramos também que em relação ao sujeito-leitor, os sentidos se estabelecem na relação entre o leitor e o contexto. “Sem o contexto e a relação definida do leitor com a situação, ou seja, sem os elementos que unificam o processo da leitura, que a configuram, não há o distanciamento necessário para a leitura, e o leitor perde acesso ao sentido” (ORLANDI, 2009, p. 184), pois compreendemos que cada sujeito se constitui de diferentes formas no ato de leitura e é por isso que não tem um discurso acabado.

Referências

- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre et.al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007. p. 23-32
- DIAS, Cristiane. O discurso sobre a língua na materialidade digital. *Revista Interfaces*, v. 2, n. 1, p. 38-46, 2011.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.
- DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. *Rasal – Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos*. N. 2. 2019. p. 55-74. Disponível em: <https://rasal.sael.org.ar/index.php/rasal/article/view/82>. Acesso em 05 abri. 2022.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*: Volume 22. Cortez editora, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: Enfrentando discursividades contemporâneas. In: Piovezani, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (orgs.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 83-106.

INDURSKY, Freda. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

O que é meme? Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-meme/> Acesso em 30/01/2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: 7 ed. Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas, Pontes, 2007b.

Digital materiality and the constitution of the subject-reader in memes about reading

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 8

Number 1

Abstract:

Reading and the subject-readers is the core of this study. From the analysis of memes, with the theme about reading and readers, and that circulate in the digital place, we observe how the senses occur from a process of meaning crossed by ideology and the different materialities that constitute the meme. It is through/in language that the subject-reader signifies himself, and it is in the digital place that the forms of signifying are placed in other ways of functioning, in a beat between the same and the different, between paraphrase and polysemy. Thus, this study understands how subjects and meanings are signified from the materialities that constitute the saying in a relationship with the memory that is constitutive to it.

Keyword: Discourse; Reading; Memory.